

BRINQUEDOTECA – UM MODELO DE REDE DE APOIO ÀS MÃES DA COMUNIDADE ACADÊMICA DA FACULDADE FASUP

Roberta Moura Cavalcanti¹

RESUMO

Nos últimos anos o debate em torno do trabalho do cuidado vem crescendo e explicitando como ele afeta a vida das mulheres, resultando em uma sobrecarga de trabalho que equivale a 9,6 horas semanais a mais de trabalho que os homens (IBGE, 2022), o que faz com que as mães que estudam e trabalham enfrentem uma tripla jornada: as responsabilidades profissionais, acadêmicas e a maior parte das tarefas domésticas e do cuidado. Partindo dessa realidade, este trabalho tem como objetivo geral analisar como a brinquedoteca da Faculdade FASUP funciona como um modelo de rede de apoio às mães da comunidade acadêmica. Como referencial teórico para o trabalho do cuidado, temos a filósofa italiana Silvia Federici (2017, 2019, 2021) que afirma que, tanto em países “desenvolvidos” quanto aqueles “em desenvolvimento”, a família e o trabalho doméstico, invisível e realizado por mulheres, são os pilares que sustentam o capitalismo. Acerca da maternidade e da categoria mãe, trabalharemos com a filósofa francesa Elisabeth Badinter (1985) e, no que compete à organização e utilização de uma brinquedoteca, teremos como referencial Nylse Cunha (2011). Proporcionar às mães as mesmas oportunidades de desenvolvimento acadêmico e profissional que seus colegas, que não assumem responsabilidades parentais da mesma maneira, é uma ação necessária, sobretudo em uma sociedade cisheteropatriarcal, para reduzir as desigualdades de gênero no âmbito acadêmico, promovendo um ambiente universitário mais justo e igualitário.

Palavras-chave: Maternidade, Trabalho do cuidado, Brinquedoteca, Rede apoio.

INTRODUÇÃO

O trabalho do cuidado pode ser definido como um conjunto de atividades destinadas a atender às necessidades físicas, emocionais e sociais de indivíduos dependentes, realizadas tanto no âmbito doméstico quanto no profissional, envolvendo um alto grau de dedicação e responsabilidade. Sua importância reside no fato de sustentar a reprodução social, garantindo a sobrevivência e o bem-estar das gerações atuais e futuras (Federici, 2017).

A filósofa Silvia Federici (2021) afirma que, tanto em países “desenvolvidos” quanto naqueles “em desenvolvimento”, a família e o trabalho doméstico, invisível e realizado por mulheres, são os pilares que sustentam o capitalismo. Isso ocorre porque as mães são responsáveis por gerar, parir e criar a mão de obra assalariada que sustenta

¹ Professora Mestra do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade FASUP – PE, roberta.cavalcanti@fasup.com;



o sistema capitalista. Esse trabalho não remunerado, que Federeci (2019) denomina “trabalho doméstico e/ou do cuidado”, contribui para um modelo de exploração que se configura da seguinte maneira: BIOLOGIA – MULHER CISCÔNERA – FAMÍLIA = MATERNIDADE.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho e na educação superior tem sido um fenômeno crescente nas últimas décadas. No entanto, essa inserção é marcada por inúmeros obstáculos, especialmente para aquelas que também desempenham o papel de cuidadoras primárias, como é o caso das mães que estudam e trabalham e precisam enfrentar uma tripla jornada. Além das responsabilidades profissionais e acadêmicas, elas ainda assumem a maior parte das tarefas de cuidado e domésticas.

Sendo assim, a conciliação entre a vida acadêmica e a maternidade representa um enorme desafio para muitas mulheres, influenciando diretamente sua permanência e desempenho no ensino superior. A necessidade de equilibrar estudos, responsabilidades familiares e, em muitos casos, atividades profissionais pode levar à evasão acadêmica ou à sobrecarga dessas mães, comprometendo seu bem-estar e desenvolvimento educacional e profissional. Diante desse contexto, é bastante relevante que as instituições de ensino ofereçam estratégias e espaços de suporte que auxiliem as mães a permanecerem na universidade, seja no papel de discentes, seja no de docentes.

Atualmente, quando falamos na conciliação entre a vida acadêmica e a maternidade, é visível o quanto essa realidade é desafiadora para muitas mulheres, impactando diretamente sua permanência e desempenho, tanto estudantil quanto profissional. Diante dessa realidade, instituições de ensino que ofertam espaços de suporte e acolhimento para as mães da comunidade acadêmica proporcionam não apenas uma rede de apoio, mas também a ampliação do conhecimento sobre políticas institucionais voltadas à equidade de gênero no meio universitário.

Dessa forma, este estudo justifica-se por buscar compreender as relações entre maternidade e educação superior, incentivando a adoção de políticas institucionais mais inclusivas e favorecendo um ambiente universitário mais igualitário e acolhedor. Propõe-se, assim, a realizar uma análise detalhada de como a brinquedoteca pode atuar como um dispositivo de suporte, inclusão e permanência dessas mães no espaço acadêmico.

A introdução de uma brinquedoteca universitária, espaço que favorece o brincar livre e espontâneo de crianças (ABBRi, 2024), na instituição atende à comunidade acadêmica, que pode desfrutar tranquilamente das atividades estudantis e laborais, por



compreender que se trata de um espaço lúdico, seguro e acolhedor, preparado para receber suas crianças.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa mista. Inicia-se com uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e comparativa, desenvolvida por meio da leitura e fichamentos de livros, revistas científicas, monografias, dissertações e teses que abordam o tema aqui trabalhado.

O primeiro passo consiste na leitura e fichamento dos materiais que servirão como base teórica para compreender a construção da maternidade e a consolidação da categoria mãe. Essa etapa inclui a investigação sobre o surgimento da criança, a invenção da maternidade, do instinto e do amor maternos, a consolidação do papel da mulher no trabalho doméstico e a relação da maternidade, trabalho do cuidado e capitalismo. Como base teórica, adotam-se Bedinter (1985), Martinez (2011) e Federici (2017, 2019, 2021).

O segundo momento compreende a leitura de textos que conceituam e definem o que é uma brinquedoteca, discutindo como esse espaço atua na ludicidade das crianças de crianças e qual o seu papel social no auxílio e manutenção de mães em espaços acadêmicos. Nessa etapa, utilizam-se como base Cunha (2010), ABBRi (2024) e Maia e Silva (2024).

Após a pesquisa qualitativa, a pesquisa segue para a etapa exploratória, realizada no campus da Faculdade FASUP, com foco no espaço da brinquedoteca. Busca-se compreender o impacto desse ambiente no suporte às mães da comunidade acadêmica, bem como a sua influência na permanência e desempenho estudantil e profissional dessas mulheres.

A pesquisa contempla 4 semestres: 2023.1, 2023.2, 2024.1 e 2024.2, período em que a brinquedoteca esteve, e permanece, em funcionamento. Essa etapa teve início com a análise e organização dos dados de cadastro das crianças e mães, os quais foram consolidados em planilha única.

Foi elaborado um questionário com foco em 5 tópicos gerais: 1. Dados pessoais; 2. Informações sobre a maternidade; 3. Relação entre a brinquedoteca e o desempenho acadêmico; 4. Opinião sobre a brinquedoteca; 5. Percepções sobre a influência da brinquedoteca e do meio acadêmico no desenvolvimento da criança. Em seguida, esse questionário foi aplicado nas entrevistas com as mães participantes.



REFERENCIAL TEÓRICO

Em sociedades ocidentalizadas e cisheteropatriarcais, aquelas cujo patriarcado constitui um sistema dominante, imposto pelo colonialismo e sustentado pela cisnormatividade e pela heteronormatividade, apenas mulheres cisgêneras e heterossexuais são consideradas aptas a ocupar o cargo de mãe.

Sobre cisgêneiridade, entende-se como a “categoria identitária, que se refere a pessoas cujo referencial do ‘próprio’ sexo coincide com aquele assignado pelos discursos médico e jurídico ao nascer” (Cabral, 2015, p. 15). Assim, uma sociedade pautada na cisgeneridade toma o sistema sexo-gênero como guia, ou seja, atribui o gênero ao sexo biológico: quem nasce com vagina é considerada mulher; quem nasce com pênis é considerado homem.

Dessa forma, as mulheres cisgêneras recebem como principal função a procriação. Casar, gestar, parir e criar crianças continuam sendo pilares sólidos para essas mulheres em sociedades colonizadas que adotam o sistema sexo-gênero como matriz de controle e poder. A filósofa e feminista francesa Elisabeth Badinter, em seu clássico *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), afirma que, em uma sociedade que adota o sistema sexo-gênero e a heterossexualidade como norma, “a mãe por excelência seria a mãe biológica representada pela mulher heterossexual, com um parceiro, branca e de classe média” (Badinter, 1985, p. 27).

A consolidação da categoria “mulher” como cisgênera e heterossexual acarreta diretamente na categoria “mãe”, tendo em vista que, em sociedades estruturadas sob essas bases, ser mãe requer dois requisitos fundamentais: ter útero, relacionando o gênero ao sexo biológico, e ser heterossexual, estabelecendo relações afetivas e sexuais com homens cisgêneros, de modo que a procriação e a reprodução possam acontecer.

Dessa forma, as mulheres vêm sendo “programadas” para terem filhos, o que, de acordo com Wittig (2019, p. 85), “é a única atividade social, fora a guerra, que representa enorme risco de morte”.

Embora a figura da mãe tenha esses dois pré-requisitos, o ato de maternar não foi sempre igual ao longo dos séculos. Um marco significativo na transformação do ideal de mãe foi o surgimento da criança, datado do século XVIII. Antes desse período, a criança era vista como um adulto em miniatura e estava sob a responsabilidade da figura paterna, o que deixava à figura materna apenas as tarefas domésticas, das quais, até esse momento, não estava inclusa a criação dos filhos (Martinez, 2011).



O surgimento da noção de criança também trouxe consigo a ideia de maternidade e as definições do que seriam “boas mães”. Ao longo do tempo e das mudanças sócio-históricas, essas definições sofreram alterações: de mães que não amamentavam e enviavam seus filhos para serem criados por amas, até aquelas que passaram, e ainda passam, a seguir o chamado “Instinto Materno”, que, atrelado ao novo desenho de responsabilidades, consolidou o surgimento da família nuclear tradicional.

O “instinto materno”, juntamente com o “amor materno”, emergiu após 1760, Quando as crianças passaram a ser vistas como riqueza para o Estado, e sua sobrevivência passou a ser uma preocupação pública. Nesse contexto, elas foram desenvolvidas ao seio da família, e a responsabilidade pela vida da criança passou a recair sobre a figura materna (Badinter, 1985).

De acordo com Regina Zilberman, “[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna” (1985, p.13). É nesse contexto que novas áreas surgem voltadas para esses “novos seres”, como a Literatura Infantil.

A concepção de criança possibilitou o surgimento de um novo mercado voltado a esse público e, por volta de 1934, nos Estados Unidos, foi criada a primeira brinquedoteca, um sistema de empréstimos de brinquedos desenvolvido para solucionar um problema de roubo em uma loja que comercializava esse tipo de produto.

No Brasil, a primeira brinquedoteca foi instituída em 1981, em São Paulo, idealizada e organizada pela pedagoga Nylse Cunha, que a define como:

[...] um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar. Quando uma criança entra na brinquedoteca deve ser tocada pela expressividade da decoração, porque a alegria, o afeto e a magia devem ser palpáveis (Cunha, 2010, p. 36).

Segundo a ABBRi, o principal objetivo de uma brinquedoteca é garantir o direito à brincadeira, reconhecendo-a como atividade essencial à infância e à aprendizagem. Para isso, deve ser um ambiente planejado e organizado pedagogicamente, com variedade de brinquedos e materiais que favoreçam a imaginação, a socialização, a criatividade, a autonomia e o respeito às diferenças.



No que tange aos tipos, há diversos formatos de brinquedoteca, dependendo do seu público, objetivos e contexto de funcionamento. Entre os mais conhecidos estão: as escolares, voltadas ao apoio pedagógico, articulando o brincar com o processo de ensino-aprendizagem; as comunitárias, que atendem crianças em espaços sociais, promovendo convivência e inclusão em comunidades; as hospitalares, de caráter terapêutico, que auxiliam no enfrentamento de tratamentos médicos e no bem-estar emocional; as empresariais, que oferecem suporte a funcionários, possibilitando conciliar trabalho e cuidado infantil, caso da brinquedoteca abordada nesta pesquisa (Maia e Silva, 2024).

Há ainda as brinquedotecas universitárias, voltadas à formação docente e à pesquisa sobre o brincar, e as brinquedotecas itinerantes, que levam o direito à ludicidade a diferentes territórios. Cada uma, à sua maneira, reafirma a função social do brincar e sua importância para o desenvolvimento humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A brinquedoteca recebeu cerca de 25 crianças, com idades entre 4 e 10 anos, ao longo desses 2 anos de funcionamento, contemplando cerca de 22 mães graduandas dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado em Direito e Enfermagem e Técnico em Enfermagem da Faculdade FASUP, além de uma docente da instituição.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2025 com 4 mães que utilizaram o espaço ao longo dos anos de 2023 e 2024 e ainda continuam na instituição. Das 04 entrevistadas, 3 são estudantes (2 do curso de Pedagogia e 1 do curso de Direito), e 1 é docente da faculdade.

Tabela 1 – Quadro geral das mães e crianças que utilizam a brinquedoteca da FASUP

MÃE	CURSO	QTDE DE FILHOS	CRIANÇA	IDADE DA CRIANÇA	GÊNERO	TÍPICA OU ATÍPICA
Estudante 1	Pedagogia	2	Criança 1	6	F	Típica
			Criança 2	4	F	Típica
Estudante 2	Direito	2	Criança 1	5	F	Típica
Estudante 3	Pedagogia	2	Criança 1	7	M	Atípica
Docente	Pedagogia e	1	Criança 1	8	M	Atípica



	Direito					
--	---------	--	--	--	--	--

Fonte: Autora (2025).

Todas as estudantes entrevistadas possuem 2 filhos, mas, exceto a estudante 1, as demais só utilizam a brinquedoteca para 1 de suas crianças. A docente possui apenas 1 filho, que também faz uso do espaço. Ao todo, são 5 crianças, sendo 2 irmãs, filhas da Estudante 1. Dentre elas, 3 são do gênero feminino, com idades 4, 5 e 6 anos, todas típicas; e 2 do gênero masculino, com idades de 7 e 8 anos, ambas atípicas.

Tabela 2 – Frequência de uso, vida acadêmica e desempenho acadêmico antes e pós a brinquedoteca

MÃE	FREQUÊNCIA DE USO	VIDA ACADÊMICA ANTES	DESEMPENHO ACADÊMICO ANTES	DESEMPENHO ACADÊMICO PÓS	CONCENTRAÇÃO COM AS CRIANÇAS NA BRINQUEDOTECA
Estudante 1	Todos os dias	Ficava com rede de apoio	Bom	Bom	Se sentia mais segura com as crianças próximas.
Estudante 2	2 a 3 vezes por semana	Trazia para aula	Ruim	Bom	Boa, porque sei que está perto de mim.
Estudante 3	Todos os dias	Trazia para a aula	Ruim	Excelente	Excelente, porque conseguia participar das dinâmicas, ler e estudar.
Docente	2 vezes por semana	Não trabalhava	Regular	Excelente	

Fonte: Autora (2025).

A frequência de uso variou, em média, entre duas vezes por semana, com efeitos positivos observados sobre o desempenho acadêmico, sobretudo a concentração, indicando que o suporte institucional oferecido pela brinquedoteca não apenas possibilitou, e ainda possibilita, a continuidade dos estudos, como também ampliou a qualidade da participação acadêmica dessas mães.

Antes da existência do espaço, as mães relataram dificuldades em acompanhar as aulas, sendo comum trazer as crianças para a sala ou deixá-las sob os cuidados de redes de apoio. Após o surgimento e utilização da brinquedoteca, todas relataram melhora significativa no rendimento, além de maior tranquilidade, tanto para estudar quanto para lecionar. A percepção de segurança e a proximidade das crianças favoreceram diretamente a concentração.



Tabela 3 – Influência da brinquedoteca na frequência, motivação e decisão de permanecer no curso

MÃE	INFLUÊNCIA POSITIVA NA FREQUÊNCIA	CONTRIBUIÇÃO PARA MAIOR DEDICAÇÃO	MOTIVAÇÃO PARA CONCLUIR A GRADUAÇÃO	INFLUÊNCIA NA DECISÃO DE PERMANECER NO CURSO	SENTIMENTO NOS DIAS QUE PRECISAVA FALTAR
Estudante 1	Sim, se não fosse a brinquedoteca não teria como continuar.	Não diretamente.	Sim. Por estar próxima e por saber que as pessoas que estão com elas são profissionais.	Sim. Sem esse apoio não teria como dar continuidade.	Se sentia impotente.
Estudante 2	Sim, porque é uma rede de apoio muito boa.	Sim. Em uma apresentação de seminário pude ficar tranquila.	Sim. Com certeza, aumenta o rendimento.	Sim. É como uma garantia, é um requisito para a permanência.	Se sentia incapaz por não acompanhar as aulas.
Estudante 3	Sim, inclusive indico a todas, porque as mulheres não conseguem dar conta de tudo.	Sim. No primeiro momento, assim que abriu consegui acompanhar.	Sim, principalmente nos últimos períodos.	Sim. É um ponto positivo na faculdade.	Às vezes, tinha pena, ele reclamava que não queria vir, mas precisava trazer comigo.
Docente	Sim, pois não teria como dar aula nos dias que ele não fica na brinquedoteca.	Sim. Trabalho mais tranquila, me dedico mais às aulas e sei que ele está bem.	Sim. Se sente mais motivada a trabalhar.	Sim.	Péssima. Com sentimento de impotência e abandono.

Fonte: Autora (2025).

Como é possível analisar na tabela 3, a brinquedoteca exerce influência determinante na permanência e na motivação das mães, uma vez que todas relataram que o espaço tem papel positivo na frequência às aulas e na decisão de continuar no curso, atuando como uma rede de apoio fundamental. As participantes também destacaram que, sem a brinquedoteca, seria inviável conciliar maternidade e vida acadêmica, o que reforça a importância de políticas institucionais voltadas ao acolhimento.

Além disso, o espaço contribui não apenas para o rendimento acadêmico, mas também para o nível socioemocional, visto que há relatos dessas mães sobre sentimentos de culpa e impotência nos dias em que precisavam estar distantes de suas crianças para estudar ou trabalhar. A docente também ressaltou maior tranquilidade e engajamento no trabalho, evidenciando que a brinquedoteca beneficia tanto estudantes



quanto profissionais da instituição, fortalecendo o vínculo com a universidade e promovendo a inclusão das mães no ambiente acadêmico e no mercado de trabalho.

Tabela 4 – Influência da brinquedoteca no desenvolvimento social e aprendizagem das crianças

MÃE	DESENVOLVIMENTO SOCIAL	APRENDIZAGEM E CURIOSIDADE	INTERESSE POR LIVROS, BRINCADEIRAS EDUCATIVAS E ATIVIDADES ESCOLARES
Estudante 1	Sim, "não é só um canto para brincar". É importante qualquer forma de socialização, principalmente no Janga, onde não tem opções de lugares.	Sim, tem organização metodológica (rotina de atividades) e materiais que contribuem para a aprendizagem.	Sim. A filha mais velha começou a se interessar por livros na brinquedoteca.
Estudante 2	Sim, pela interação social.	Sim, e ela gosta de explorar os jogos.	Sim. Ela gosta muito de jogos e brinquedos amados.
Estudante 3	Sim, ele melhorou a sociabilidade.	Sim, a parte lúdica é como uma extensão escolar.	Sim. Ele amava as contações de história.
Docente	Sim. Por ser atípico, é um local de socialização fora da escola e aprende também a lidar com as emoções.	Sim. Pelas atividades lúdicas, contações de histórias etc.	Sim. Ele ficou mais interessado pelos laboratórios e biblioteca.

Fonte: Autora (2025).

Quanto ao desenvolvimento social e à aprendizagem das crianças que frequentam a brinquedoteca, todas as participantes afirmaram que o espaço contribui para a curiosidade e o interesse pelas atividades de leitura, apontando a organização metodológica, o uso de materiais educativos e as atividades lúdicas como fatores que favorecem a aprendizagem.

O ambiente possibilita experiências de socialização importantes, especialmente em contextos com poucas opções de lazer infantil, como é o caso do bairro do Janga, onde fica localizada a instituição e onde reside a maior parte da comunidade acadêmica.

A brinquedoteca influencia também na socialização de crianças atípicas, que aprendem a lidar melhor com emoções por meio das interações com outras crianças, como afirma a docente, mãe de um menino autista nível 1 de suporte. Dessa maneira, o espaço configura-se como uma extensão educativa, oferecendo um suporte às mães e desempenhando um papel pedagógico essencial no desenvolvimento das crianças.



Tabela 5 – Contribuição da brinquedoteca no comportamento, respeito às diferenças e oportunidades oferecidas pelo espaço

MÃE	CONTRIBUIÇÃO PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE	OPORTUNIDADES OFERECIDAS PELO ESPAÇO	MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO APÓS FREQUENTAR O ESPAÇO
Estudante 1	Sim, na brinquedoteca elas aprenderam o que é autismo e aprenderam sobre respeito.	Sim, porque tem oportunidade de estar com outras crianças e explorando.	Em questão de inclusão. Elas passaram a acolher e entender mais.
Estudante 2	Sim.	Sim, porque em casa ela fica na TV e na brinquedoteca ela tem acesso a brinquedos e outras crianças.	Ela pede para vir, às vezes que não trago comigo, tenho que sair escondida. Ela pede para ir para "o lugar dos livros".
Estudante 3	Sim, ele respeitava, porém quando escolhia "coisas de menina" as outras crianças falavam e ficava por isso mesmo.	Sim, ele estava num ambiente próprio para ele. Em outros espaços impõem muito os comportamentos de adultos em crianças, na brinquedoteca era um espaço para ele.	Foi boa, ele se animava e conseguia ficar sentado, esperava para vir no outro dia.
Docente	Sim. Ele se dá bem e acolhe outras crianças atípicas.	Sim, porque se ele estivesse em casa, estaria na tela.	Ele ficou mais comunicativo. Quando não é dia de vir, ele sente falta.

Fonte: Autora (2025).

No que se refere ao impacto na formação e nos comportamentos das crianças, as mães relataram contribuições importantes no respeito à diversidade, na inclusão e no reconhecimento das diferenças individuais, uma vez que o espaço proporciona oportunidades de convivência e exploração, afastando as crianças do uso excessivo de telas e incentivando o contato social.

Também foram observadas mudanças positivas no comportamento, como maior acolhimento, empatia e comunicação, decorrentes das experiências vividas no espaço, que possibilitam às crianças compreender e respeitar a diversidade, reforçando práticas inclusivas desde a infância. Dessa forma, a brinquedoteca consolida-se como um ambiente educativo que ultrapassa o ato de brincar, promovendo cidadania, convivência respeitosa e desenvolvimento socioemocional.

A brinquedoteca da Faculdade FASUP configura-se, assim, como um espaço potencialmente relevante, atuando como rede de apoio às mães da comunidade acadêmica. A instituição, ao reconhecer e valorizar o trabalho do cuidado, bem como ao implementar políticas de apoio, dá passos fundamentais para promover a igualdade de



gênero e o bem-estar dessas mães e, conseqüentemente, das crianças que a frequentam o espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o trabalho do cuidado tenha sido historicamente invisibilizado e atribuído majoritariamente às mulheres, atualmente já é possível enxergá-lo e compreender que essas mulheres, sobretudo as que são mães, são responsáveis pela manutenção de um pilar essencial para o funcionamento da sociedade e das instituições, inclusive no contexto educacional.

Diante disso, a pesquisa desenvolvida neste artigo evidenciou que conciliar maternidade e vida acadêmica ainda é um desafio permeado por desigualdades de gênero, acarretando em uma sobrecarga não apenas de trabalho, mas também emocional, imposta a essas mulheres.

Nesse sentido, a implementação de políticas institucionais de apoio, como a brinquedoteca universitária, mostra-se uma estratégia de inclusão, permanência e valorização das mães no ensino superior, uma vez que esses espaços fornecem acolhimento às crianças, promovendo tranquilidade e segurança às mães, favorecendo o desempenho acadêmico e profissional e reafirmando o papel da universidade como agente de transformação social comprometido com a equidade de gênero.

A experiência exitosa da brinquedoteca da Faculdade FASUP constitui um exemplo de como práticas relativamente simples podem gerar grandes mudanças no contexto social e chama a atenção para que outros espaços, sejam empresariais ou acadêmicos, incluindo congressos de educação, gênero e afins, lancem um olhar mais equânime para a realidade das mães, disponibilizando espaços de acolhimento para crianças enquanto elas trabalham e/ou estudam.

É de suma relevância expandir o debate sobre as políticas de cuidado dentro das instituições de ensino, ampliando o olhar para outras formas de suporte que contemplem as múltiplas realidades das mulheres-mães. Dessa forma, realizar pesquisas que aprofundem as dimensões subjetivas e institucionais desse tema, incluindo análises comparativas entre universidades com e sem brinquedotecas ou outros dispositivos de acolhimento parental, constitui partes fundamentais das ações voltadas às equidade de gênero.



REFERÊNCIAS

ABBRI. **Associação Brasileira de Brinquedotecas.** Disponível em: <https://www.brinquedoteca.org.br/sobre/>. Acesso em 16 de mai. 2025.

BEDINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar.** 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2010.

_____. **Brinquedoteca.** PasTest Ltd, 2011.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa.** São Paulo: Elefante, 2017.

_____. **O ponto zero da revolução.** São Paulo: Elefante, 2019.

_____. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo.** São Paulo: Boitempo, 2021.

MAIA, Sônia Cristina Ferreira; SILVA, Jaqueline Gomes da. Brinquedoteca como território lúdico de formação humana. **Cuca: saber em foco.** v.1, n. 1. Natal: IFRN, 2024. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/cuca/article/view/13808/3955>. Acesso em 26 de ago. 2025.

MARTINEZ, Ana Laura; BARBIERI, Valéria. **A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina.** Estudos da Psicologia. Campinas. 28 (2). 175-185. Abr-Jun, 2011. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002282481>.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

